

A construção do *habitus* institucional: história do Instituto de Química da UNESP/Araraquara

The construction of an institutional *habitus*: history of Institute of Chemistry from UNESP/Araraquara

Luciana Massi¹
Alberto Villani²

¹Instituto de Física/USP, lu_massi@yahoo.com.br

²Instituto de Física/USP, avillani@if.usp.br

Resumo

Apresentamos neste texto as principais fases de desenvolvimento do Instituto de Química da UNESP/Araraquara, cuja trajetória tem início com a proposta de atendimento à demanda por formação de professores de química. Ao longo de 50 anos de história a Instituição enfrentou diversos desafios por meio de estratégias que revelam seu *habitus*. Eles contribuíram para a institucionalização e consolidação de um grande centro de pesquisa, ensino e extensão, embora a formação de professores e a pesquisa em Ensino de Ciências nem sempre tenha encontrado espaço para se desenvolver plenamente. Além de analisar em detalhes o desenvolvimento de uma grande Instituição nossa pesquisa aponta para possibilidades futuras.

Palavras-chave: *habitus* institucional, ensino de química, formação de professores.

Abstract

In this work we present the main phases from the Institute of Chemistry (UNESP/Araraquara) development, whose trajectory begins by the proposal to attend the demand of chemistry teachers. Throughout 50 years of history the Institution faced many challenges, they were overcome through strategies that reveal its *habitus*. They contribute to the institutionalization and consolidation of this great research, teaching and university extension center, although the teacher training and research in science education haven't always been attended. In addition to examining in detail the development of a great institution, our research points to some future possibilities.

Key words: institutional *habitus*, chemistry teaching, teacher training.

Introdução

A preocupação com a formação de professores tem sido objeto de inúmeras pesquisas na área de Educação em Ciências e, de forma mais geral, no campo da Educação. No caso específico da formação inicial de professores, o foco das pesquisas tem sido a grade escolar, as metodologias, as múltiplas atividades propostas, iniciativas inovadoras, as relações entre alunos e professores e, em geral, os efeitos concretos de tudo isso. Uma perspectiva bastante nova, seria tentar entender a formação de professores analisando as trajetórias escolares dos licenciandos, desde sua origem social e cultural, suas preferências, seus costumes, suas dificuldades. Uma perspectiva

complementar, apresentada neste trabalho, é investigar a história da Instituição, seus costumes e suas tradições, seus valores. Estas pesquisas permitiriam organizar a formação tendo presente não somente as necessidades da profissão, mas também as possibilidades dos candidatos e os limites e os desafios que as propostas de mudanças na formação de professores enfrentam ao serem colocadas em prática. Também podem contribuir para a formação continuada de professores universitários que terão melhores condições de atuar no ensino de graduação, considerando as características e necessidades discentes e institucionais apontadas por meio dessas investigações.

Neste trabalho apresentamos a história do Instituto de Química (IQ) de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), procurando compreender os eventos principais que a tornaram uma Instituição reconhecida nacionalmente e internacionalmente e, sobretudo, a constituição de seu *habitus* (Bourdieu, 1983), ou seja, sua forma de interpretar e organizar ações institucionais de ensino, pesquisa e extensão.

Nossa interpretação do desenvolvimento do IQ será baseada em alguns conceitos de Rene Kaës (1997) sobre o desenvolvimento de grupos e Instituições. Além de publicações específicas sobre o assunto, grande parte das informações aqui analisadas foram obtidas a partir de entrevistas conduzidas com 8 docentes que participaram dos primeiros momentos de desenvolvimento do curso, bem como, entrevistas com outros docentes do curso cedidas pelo Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM). Muitos desses docentes atuaram na Instituição como chefes do departamento, diretores e vice-diretores, a maioria se aposentou na década de 90, sendo que alguns ainda atuam como docentes. O foco principal das entrevistas foi recuperar os primeiros momentos do curso de Química, no qual ainda existia um vínculo físico e administrativo com outros cursos de Araraquara, para desvendar a configuração atual, de relativo isolamento, do IQ. Bem como, perceber quais foram as marcas deixadas pela história da Instituição que permanecem até hoje.

Antecedentes e contexto de criação do curso de Química

Um dos modelos mais adotados e defendidos no desenvolvimento do ensino superior brasileiro foi o das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Segundo Vaidergorn (1995) e Corrêa (2006) elas representaram o principal modelo adotado nos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo (Liesesps), que eram escolas de ensino superior público que não estavam ligadas a nenhuma universidade. As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras até 1976 contavam com os mesmos campos de conhecimento que a Universidade de São Paulo (USP), embora não os reunisse na totalidade. A opção pelas Faculdades de Filosofia atendia, entre outros fatores, uma demanda de formação de professores secundários, que não vinha sendo totalmente atendida pela USP, fundada em 1934. Quando foram criados os Liesesps havia uma expectativa de integração à USP, que não se concretizou, pois a Universidade apresentou uma forte resistência. Posteriormente, a maioria deles integrou o que viria a ser a atual Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Entre as motivações para a criação dos Liesesps destacam-se o desenvolvimento das cidades, as condições de estudo das moças do interior, a fixação de licenciados no interior e a absorção de professores oriundos da USP. Essa absorção serviria como forma de garantir a qualidade do ensino, reproduzindo o modelo pedagógico da USP, denominada por Vaidergorn (1995) como “*célula mater*” e ainda se traduzia em uma possibilidade de ampliação da carreira docente. Para o governo a situação era

controversa, pois de um lado havia a pressão das comunidades locais favoráveis à expansão do Ensino superior público e, de outro lado, havia a resistência da USP, que temia uma perda de qualidade em faltando massa crítica competente para sua sustentação.

Especificamente em Araraquara, no período entre janeiro e setembro de 1957, foram aprovadas as leis de criação de 6 FFCL-IIES, entre as quais a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FFCLA). Seu primeiro diretor foi o professor Paulo Guimarães da Fonseca, catedrático de Química da Escola Politécnica, que também atuou como docente do curso de Química. Segundo Vaidergorn (1995), o diretor tinha como objetivo consolidar a escola, sem privilegiar nenhuma área. Porém, segundo depoimentos e informações publicadas de vários docentes e funcionários do atual Instituto de Química o Professor Paulo foi escolhido para o cargo em função de sua formação, sendo que a criação do curso de Química seria o objetivo principal da criação da FFCLA.

Vários relatos apontam que a criação de um curso de Química foi devida principalmente à demanda da região por professores dessa disciplina, geralmente ministrada por outros profissionais, como farmacêuticos, engenheiros ou médicos, assim como anteriormente tinha sido na fundação da USP. Por outro lado, no momento da criação, optou-se por oferecer a licenciatura e o bacharelado em Química em conjunto, sendo a bifurcação no 4º ano, havia também a possibilidade do aluno frequentar 1 ano a mais e se formar em 5 anos com as 2 habilitações.

Primeira fase de desenvolvimento da Instituição (1961-1973) – Fase original

Os principais marcos dessa fase são: a criação do curso de Química em 1961; o reconhecimento do curso em 1963; a transferência do Departamento de Química para o bairro Quitandinha em 1964; e a transferência dos outros Departamentos da FFCLA, anteriormente localizada no centro da cidade, para o atual Campus, localizado na Rodovia Araraquara-Jaú.

Para Kaës (1997), a primeira fase de desenvolvimento de uma Instituição é caracterizada pela união de indivíduos dispersos entorno de um projeto presente de forma articulada na fantasia do seu fundador. Normalmente este capta as ansiedades presentes no cenário institucional e a transforma em um projeto portador de promessas especiais, enfrentando as correspondentes dificuldades da implantação. Assim podemos entender que uma demanda da área por profissionais encontrou adeptos dispostos a enfrentar o problema. Inicialmente o Professor Paulo Guimarães da Fonseca convocou aquele que seria considerado o fundador da Instituição: o professor Waldemar Saffioti.

Através das entrevistas, percebemos que os docentes são unânimes em destacar o papel do professor Waldemar Saffioti na história do curso. Ele veio da USP e assumiu a chefia do Departamento de Química entre 1961 e 1962, depois entre 1965 e 1967. Foi eleito diretor do IQ após sua aposentadoria (1978), exercendo o cargo de novembro de 1984 a novembro de 1988. Atualmente o Professor Saffioti é considerado, pela comunidade do Instituto de Química, um dos principais responsáveis pela fundação e manutenção do curso. Segundo Massabni e colaboradores (2003, p. 439) “o papel do Prof. Waldemar Saffioti na criação e no desenvolvimento do Instituto foi importantíssimo”. Sua esposa, Professora Helleieth I. B. Saffioti, relata que “*o Saffioti era muito sonhador, muito idealista... ele considerava possível fundar um curso dentro*

de uma universidade nova” (FURLAN et al., 2008, p. 14,15). Vários depoimentos apontam a importância do papel do professor Saffioti na defesa do curso, principalmente contra a resistência da USP, que considerava o curso de Araraquara como o “cursinho do Saffioti”. Apesar de pejorativa, essa expressão reforça a importância da figura do professor Saffioti para a instituição, pois ele *“brigou para tentar arrancar, primeiro o apoio político, depois o apoio financeiro para conseguir montar esse embrião desse Instituto...”* (FURLAN et al., 2008, p. 19).

Na primeira fase do processo de fundação de uma Instituição, Kaës destaca a existência de um “contrato narcísico” que representa os desejos e os sonhos do grupo envolvido, criando vínculos de identificação entre seus membros. Aparentemente, podemos enxergar a relação do curso com a USP como um condicionante do processo: o sonho da Instituição de ser “igual” a essa referência seria então o “contrato narcísico” desse grupo. Já destacamos em alguns depoimentos a desconfiança da USP em relação à Araraquara, que provavelmente motivou o sonho do reconhecimento, atingido aos poucos ao longo do tempo. Vaidergorn (1995) já havia se referido a essa Instituição como a *“célula mater”* de criação das Faculdades de Filosofia e vários docentes também destacam que o modelo do curso seguia o padrão da Química da USP. O professor Leite comenta que *“nós criamos um curso clássico, inspirado na USP”* e o professor Massabni comenta em termos mais gerais que *“a gente sempre seguiu aqui o modelo da USP, e a USP quer você queira, quer não,... é sempre um padrão, sempre um exemplo pra todos”*.

Além do “contrato narcísico”, a primeira fase é caracterizada por um mecanismo de defesa do grupo contra perigos que podem ameaçar a construção da Instituição, o “pacto denegativo”, caracterizado por desconsiderar os medos e os insucessos iniciais e não duvidar do projeto. Aparentemente, em nosso caso, esse pacto consistia em não alimentar a desconfiança da USP em relação ao curso, ou seja, desconsiderar as críticas recebidas. Destacamos que nos depoimentos existem poucas referências explícitas a essa desconfiança e, geralmente, ela será trazida de forma mais clara e direta pelo professor Gastmans que pode ser considerado o “porta-voz” desse grupo. Em seu depoimento ele destaca a dificuldade que foi para a Instituição, *“no começo ser rejeitado pela única escola de química que existe no Estado de São Paulo”*, revelando o peso dessa desconfiança que não podia ser considerada em nome da manutenção do curso.

Kaës destaca ainda a presença de “intermediários” em todas as fases de desenvolvimento de Instituições; eles serão responsáveis pela adequação dos problemas encontrados às possibilidades do grupo, e sua superação, reconciliando os elementos em conflito. Existiram vários desafios no momento de criação do curso e para cada um deles identificamos os possíveis intermediários encontrados pela Instituição. Acreditamos que eles se relacionam de forma mais direta com o *habitus* institucional, revelando valores e crenças e promovendo práticas entre os agentes da Instituição, selecionadas dentro de um conjunto de soluções possíveis.

Desafios enfrentados e intermediários encontrados

O primeiro desafio enfrentado para a criação e manutenção do curso foi a contratação de corpo docente. Segundo Del’Acqua *“no começo quem queria vir pro buraco de Araraquara?”*. Além da distância da capital associada à falta de recursos das novas unidades, podemos destacar as condições salariais e da carreira acadêmica como menos favoráveis do que as oferecidas pela USP e, também o boicote dos docentes da USP, desencorajando seus alunos a vir atuar como docentes em Araraquara. É interessante

notar que a falta de profissionais da área parecia não ocorrer nos outros cursos de Araraquara, apontando para a facilidade de sua contratação e, portanto, para um desprestígio acadêmico da área de Humanidades. De fato, o corpo docente, nas origens da criação das Faculdades de Filosofia e, sobretudo, nas disciplinas de didática e metodologia de ensino, era composto majoritariamente por mulheres “*arregimentadas mediante sua experiência no ensino público, com menor capital cultural e escolar que os demais catedráticos, portadores de diploma de ensino superior especializado*” (DIAS-DA-SILVA; MUZZETI, 2006, p. 13). Assim, acreditamos que esse quadro pode ter contribuído para reforçar uma impressão, que permaneceu até os tempos atuais, de que as disciplinas e conteúdos pedagógicos eram menos importantes do que os conteúdos científicos.

Apesar dos desafios de contratação, uma das primeiras soluções encontradas foi a convocação de professores estrangeiros e contratação de professores como palestrantes. Destacamos o exemplo da contratação do Professor Rubens Molinari que demonstra a insistência e a estratégia de contratação adotada por Safiotti. Ele nos relatou que conheceu o Safiotti em uma palestra na USP e lhe passou o nome de algumas pessoas que poderiam ter interesse em atuar no curso; depois de uma semana Safiotti o procurou, pois não tinha tido sucesso e convidou-o para ministrar uma palestra em Araraquara. Na semana seguinte Safiotti o convidou para uma nova palestra e aos poucos o professor foi contratado inicialmente como palestrante e depois como docente. Apesar desse desafio inicial de convencimento, Safiotti conseguiu fazer com que alguns desses docentes “abraçassem a sua causa” e permanecessem na Instituição até sua aposentadoria. Gastmans revela que permaneceu no Brasil ao invés de retornar à Bélgica em função do espírito criado em torno do Safiotti “*talvez seja por isso que eu fiquei finalmente, eu acho que é um espírito de corpo que se faz e isso permaneceu*”: parece que ele aderiu ao contrato narcísico.

Uma segunda solução, anteriormente apontada por Vaidergorn (1995) foi o aproveitamento dos ex-alunos, ou a “prata da casa”. Alguns docentes destacam que o aproveitamento se dava com relação aos melhores alunos do curso. Segundo o professor Gastmans, “*a gente catava os melhores alunos que queriam ficar, porque não eram todos eles que queriam ficar [...] realmente no começo os melhores alunos a gente tentou segurar*”. O professor Molinari também destaca essa informação, “*aqueles que se tornaram professores não foram todos, mas os melhores!*”. Os docentes entrevistados apontam aspectos positivos e negativos associados à contratação dos ex-alunos. Para eles, esse aproveitamento teve duas conseqüências principais para a história do Instituto: ao mesmo tempo em que poderia gerar uma certa “eugenia” ou “consangüinidade”, fator que foi evitado pois os alunos procuravam fazer suas pesquisas de pós-graduação na USP ou no exterior, acabou reforçando um sentimento de pertencimento, vinculação, fidelidade e compromisso em relação à Instituição que foi muito importante nesse período de criação. Assim, os ex-alunos foram considerados como sendo os principais responsáveis pelo desenvolvimento da Instituição e avanço na área da pesquisa.

Outra conseqüência do reduzido corpo discente e docente foi uma relação mais próxima entre esses grupos. Os docentes entrevistados em nossa pesquisa confirmam a existência dessa proximidade e apontam diversas justificativas para ela: número reduzido de alunos e docentes, maior tempo de contato, disciplina monografia, professores mais “simples”, ambiente pouco informal, condições de transporte, características do ensino e da pesquisa da época. As duas soluções apontadas para os desafios de contratação podem ser consideradas como “intermediárias”. Acreditamos que eles apontem para um aspecto constitutivo do *habitus* institucional, que pode ser percebido nos relatos dos

docentes: um sentimento muito forte de pertencimento e ligação à Instituição. Quase todos os entrevistados confirmaram essa impressão e associaram a ligação ao fato de terem participado da criação e consolidação do IQ. As referências à paternidade e à família marcam esses discursos. O Professor Gastmans, se referindo a um “espírito de corpo”, atribui esse sentimento aos desafios enfrentados para a consolidação do curso, principalmente com relação à resistência da USP, novamente deflagrando o “pacto denegativo” desse grupo. Muitos acreditam que esse sentimento tenha se perdido com o tempo, novamente retomando o discurso de que o passado era melhor. Porém, nosso contato com os discentes dessa Instituição parece apontar no sentido contrário. Um dos mecanismos que parece manter e fortalecer essa ligação é uma forte “propaganda interna” de seus resultados, como a qualidade da biblioteca e avaliações do “Guia do Estudante” que são amplamente divulgadas no IQ, esse também será um aspecto constitutivo do *habitus* institucional.

As condições iniciais de trabalho favoreceram uma relação mais próxima entre docentes e alunos, como já discutimos, ao mesmo tempo em que direcionou a atenção de todos para o ensino, já que não havia condições de desenvolvimento de pesquisas. Um diferencial do curso de Química era a exigência da apresentação de uma monografia para a conclusão do curso, tanto de Bacharelado quanto da Licenciatura em Química. “*A Química de Araraquara é pioneira no Estado de São Paulo na implantação de monografia (iniciação científica) como disciplina obrigatória na grade curricular do curso*” (FURLAN et al, 2008, p. 23). Essa medida, além de melhorar o ensino foi grande incentivadora do desenvolvimento de pesquisas no Departamento de Química. A pesquisa era citada no Regulamento da FFCLA (artigo 31, alínea g) como uma das competências dos Professores Catedráticos e também no artigo 91 do Capítulo XVII – Das Disposições Gerais e Transitórias do mesmo Regulamento, que fazia referência às atividades de pesquisa (FURLAN et al., 2008).

Através das entrevistas percebemos que a ideia inicial da criação da monografia partiu do professor Vicente Toscano, que a trouxe da Alemanha. Nesse período as condições de laboratório não permitiam que os alunos desenvolvessem pesquisas experimentais. A solução encontrada para o desenvolvimento das monografias poderia ter sido o desenvolvimento da pesquisa em ensino de ciência, pois isso era previsto no regulamento. Entretanto, em nenhum momento foi cogitada a possibilidade de integração com o Departamento de Pedagogia, nem encontramos nenhum registro ou depoimento que aponte para a realização de pesquisas dessa natureza. De fato, graças à existência da coleção do Chemical Abstracts na biblioteca, optou-se pela realização de levantamentos bibliográficos. Após a saída do professor Toscano, o professor Salomão Tabak “assumiu” a disciplina e imprimiu um caráter mais voltado para a pesquisa experimental em química, cujas condições para realização estavam sendo alcançadas.

Com relação à licenciatura, podemos perceber pela grade que o formato do curso de Química concentrava as disciplinas específicas no último ano. Vaidergorn (1995) destaca que isso não representava uma valorização das disciplinas de licenciatura. Essas impressões foram confirmadas pelos docentes do Instituto de Química que nós entrevistamos, principalmente os ex-alunos das primeiras turmas do curso. Persiste a ideia de que a licenciatura era “perfumaria”, apoiada ou não na qualidade dos professores, pois observamos disparidades entre os depoimentos dos docentes quanto a isso. Observamos divergências também quanto a opção dos alunos em cursar ou não a licenciatura, alguns disseram que todos alunos procuravam as duas formações, outros disseram que havia uma preferência pela licenciatura pois o bacharelado ainda estava

pouco estruturado, e outros, ainda, disseram haver preferência pelo bacharel em função das perspectivas profissionais.

O “intermediário” encontrado pela Instituição para imprimir qualidade e diferenciação na formação de profissionais foi a pesquisa; mesmo que incipiente ela parece ter dado condições para que o curso oferecesse uma formação de qualidade que garantisse competitividade no mercado. A forte vinculação à pesquisa parece ser um traço marcante do *habitus* institucional, principalmente, pois ela forneceu as condições necessárias para sustentar o “contrato narcísico”. A relação da Instituição com a USP parece semelhante a uma relação de mãe e filha, na qual eventualmente a filha desenvolve um mecanismo de superação em relação à mãe baseado na imitação do espírito dela, que permite uma espécie de cópia criativa, ao invés de um enfrentamento direto e recusa, que seria outro mecanismo de superação. Acreditamos que, diante da impossibilidade de enfrentamento, que levaria a extinção do curso, a Instituição tenha se inspirado no modelo de desenvolvimento da USP como forma de atingir seu objetivo de reconhecimento e, provavelmente, o “espírito” que serviu de inspiração foi o da pesquisa. O professor Giesbrecht se formou em Química pela USP em 1943 e acompanhou o início do curso com a vinda dos professores alemães. Encontramos em seu depoimento um indício de que a junção entre ensino e pesquisa é uma marca do desenvolvimento da química no Brasil.

Os docentes elencam vários outros desafios vivenciados no início do curso, sendo a maioria deles associada à necessidade de laboratórios para o curso de química. Tais dificuldades parecem estar relacionadas com as queixas generalizadas com uma distribuição de verbas na FFCLA; segundo o depoimento dos docentes, a verba que era destinada para a Química sofria desvios, sendo apropriada por outros departamentos com assentos majoritários no Conselho da Faculdade.

“[...] durante quase 10 anos, até os anos 70 foi uma briga violenta, entre a química e essa turma de pedagogia e letras, etc, que era chamada perfumaria, porque eles eram tão numerosos que eles dominavam a faculdade de ciências e letras, quando vinha dinheiro, quando a gente pedia dinheiro ao governo era sempre pra química, mas quando era distribuído a química era zero, ... 1% do orçamento previsto, tudo ia pras letras, pedagogia, etc. [...] A pedagogia tinha uma força terrível e aí eles pediam dinheiro a custa da química, mas ficava aqui, era uma briga violenta cada vez que o dinheiro vinha pra cá e cada vez o Saffioti era perdido, eu falo, nós éramos 7, 8 e eles eram 70.” Jean Pierre Gastmans

Segundo informações da atual Faculdade de Ciências e Letras (2011), depois desse período, entre 1961 e 1973 a FFCLA, incluindo o curso de Química, funcionou na atual Casa da Cultura de Araraquara. Esse casarão antigo não tinha condições de abrigar os laboratórios necessários para o curso de Química, pois os docentes se referem a acidentes ocorridos nesse local e inconveniências para os outros cursos, como a produção de odores fortes nas práticas de laboratório. A solução encontrada para minimizar as disputas internas dos departamentos e melhorar as condições físicas de desenvolvimento do curso foi a transferência do curso de química para um terreno no bairro Quitandinha, doado pela família Lupo. “O bairro encontrava-se ainda em fase embrionária, com precárias condições de transporte e pavimentação” (MASSABNI, et al, 2003, p. 439). O prédio foi projetado para abrigar as instalações definitivas do Departamento de Química da FFCLA, com área física de 2790 m². A transferência total do Departamento ocorreu em 1964, podendo assim iniciar a pesquisa nos laboratórios.

A separação física do Departamento de Química em relação à FFCLA seria um primeiro passo estratégico para uma posterior separação administrativa e criação do Instituto de

Química? Essa hipótese foi negada por alguns entrevistados e confirmada por outros, que destacaram não haver um plano maior traçado desde o início, mas uma situação que foi forçada em decorrência de uma série de acontecimentos, como, por exemplo, a já citada disputa que existia entre os departamentos. Os docentes contaram também que a ideia inicial era transferir toda a FFCLA para o Quitandinha e que isso só não aconteceu em função da expansão dos cursos que não caberiam mais naquele terreno.

As aulas dos outros cursos da FFCLA continuaram a ser ministradas na atual Casa da Cultura até 1973, data em que foi transferida para o “Campus” Universitário no km 1, da Rodovia Araraquara-Jaú (FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS, 2011). Os docentes comentam que existia a intenção de que o Departamento de Química também fosse transferido do Quitandinha para o Campus, porém isso não aconteceu em função do posicionamento do Departamento. Acreditamos que essa “não-transferência” seja um marco do início da segunda fase do processo de institucionalização do então Departamento de Química. O intermediário encontrado para solucionar esses desafios, aponta para um movimento de progressivo isolamento do curso, que parece ser constitutivo do *habitus* institucional. Assim, em outros momentos da história da Instituição esse intermediário será reatualizado pelos agentes, contribuindo para a manutenção desse quadro.

Segunda fase de desenvolvimento da Instituição (1974 a 1990) – A Institucionalização

As principais datas que marcam a segunda fase de desenvolvimento da Instituição são: a criação da UNESP em 1976; a transformação do Departamento de Química em Instituto de Química em 1977; a criação do curso de Pós-Graduação em Química Inorgânica em 1978; a implantação dos cursos de Pós-Graduação em Química Analítica e Físico-Química em 1985. Nessa fase os intermediários encontrados anteriormente – pesquisa, autonomia e união entre os membros do grupo – foram reatualizados, reforçando seu papel de solucionar os problemas da Instituição, bem como fortalecer o *habitus* institucional, constituído anteriormente.

O processo de institucionalização da Instituição se apoiou em dois elementos distintos: um reconhecimento da qualidade do curso e da pesquisa por parte da USP; um processo concreto de institucionalização e autonomia promovido no contexto de criação da UNESP. Encontramos em dois depoimentos, indícios dos esforços imprimidos pela comunidade pelo reconhecimento da qualidade do curso e da pesquisa da Instituição por parte da USP, bem como indícios de que esses objetivos foram alcançados. Novamente destacamos que a pesquisa atuou como principal intermediário nesse contexto. O professor Gastmans aponta para o esforço envolvido na pesquisa, as resistências da USP e a superação dessas.

“foi em 68 onde a gente brigava para publicar mais que a USP e a gente publicava mais que a USP, foi o... a época de maior concentração de publicação por docente, porque a gente era muito pouco, foi certamente a época mais rica do Instituto de Química [...] O espírito de corpo começou logo de cara porque a USP não foi fácil, eles fizeram cada porcaria, naquela época já existia a Fapesp, a Fapesp se recusava terminantemente a nos dar um tostão, até os anos 70 a gente não recebeu um tostão da Fapesp, tudo pra São Paulo porque a Química de São Paulo era muito mais conhecida, mais velha, dos anos 50 e poucos, então todos os consultores eram da USP, então vinha um pedido de Araraquara, eles nem, acho que eles nem olhavam, já negavam de cara. No começo não foi fácil, então tudo

isso aí a gente ajudou a criar esse espírito de raiva, espírito de corpo”. Jean Pierre Gastmans

Ele acredita que uma das consequências desse foco na pesquisa foi uma perda na qualidade do ensino: *“Foi uma época que do ponto de vista didático não era muito bom, toda a década de 70 era primeiro a pesquisa; bom, têm alunos, mas é porque precisa”*. Apesar disso, o depoimento do professor Luis Antonio Andrade de Oliveira aponta para o reconhecimento da qualidade do ensino, por meio da aprovação dos alunos formados nessa Instituição no processo seletivo dos cursos de pós-graduação da USP: *“a gente ia pra USP, pra gente entrar na pós-graduação tinha que prestar exame e eles [os alunos da USP] não prestavam, a partir de 73 eles tiveram que fazer também e aí, naquela época, nós fomos melhor que eles”*. As datas citadas pelos docentes serviram de subsídio para o marco inicial desse período, bem como a “não-transferência” do Departamento de Química para o Campus, citada anteriormente. Apesar dessas “âncoras”, destacamos que as datas são aproximadas, pois se referem a processos que não permitem delimitação temporal precisa.

Uma das conseqüências do momento político austero imposto pela ditadura militar (1964-1985) vivida nesta fase foi a necessidade de um controle maior dos IIES. Apresentando como justificativas a necessidade de controlar o crescimento desordenado de novas instituições; garantir um padrão de qualidade para o ensino superior; e consolidar medidas que já vinham sendo adotadas pelos órgãos responsáveis pela coordenação dos Institutos Isolados de Ensino Superior foi proposta a criação da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP. Apesar de traumática sob alguns aspectos, a criação da UNESP favoreceu a criação do Instituto de Química, citado no formato final da constituição da UNESP, por meio da atualização do intermediário associado à autonomia do grupo. Antes dessa configuração final, havia a perspectiva de que o Instituto de Química fosse associado à Faculdade de Ciências Farmacêuticas. A criação do Instituto de Química atendia às demandas do Departamento de Química da FFCLA. Em 1974, esse Departamento havia encaminhado ao Governador do Estado de São Paulo um abaixo-assinado com 127 assinaturas de professores, funcionários e alunos visando transformar o Departamento de Química da FFCLA em Instituto de Química (FURLAN, et al, 2008). Essa demanda do grupo revela a principal característica da segunda fase de desenvolvimento de uma Instituição: a fase de unificação e estabelecimento de relação entre similares, levando a exclusão dos diferentes. Com base no referencial teórico de Kaës, podemos identificar duas versões de distinção entre aqueles que estão fora e dentro do grupo: a versão *ideológica* consiste na exclusão dos elementos externos ao grupo e a versão *transicional* consiste em uma realização menos rígida e mais tolerante dessa separação que não leva, necessariamente, à exclusão. No momento da criação da UNESP, surgiram também as propostas de criação dos cursos de Licenciatura em Ciências e Engenharia Química. Observamos que a versão *ideológica* operou em relação à Engenharia, cuja proposta até hoje não foi concretizada, enquanto a Licenciatura vivenciou uma versão *transicional*, sendo implementada, posteriormente cancelada e, finalmente, adotada de forma definitiva.

Demonstrando a forte vocação do Instituto para a pesquisa, o ensino da pós-graduação vinha sendo discutido no Departamento de Química antes da criação da UNESP. O pedido de credenciamento do Curso de Pós-Graduação em Química foi encaminhado para o Diretor da FFCLA em 1975, reproposto pelo diretor do IQ em 1977 e aprovado pelo Conselho Nacional de Pós-graduação em 1978; as linhas de pesquisas eram desenvolvidas por docentes das áreas de Química Inorgânica, Química Analítica e Cristalografia. Dessa forma, a Instituição era reconhecida em âmbito nacional como

uma instituição voltada para a pesquisa, confirmando suas características mais fundamentais. Existiam 6 linhas de pesquisa nas quais 8 docentes estavam credenciados como orientadores; os outros 12 docentes participantes do Curso ministravam aulas como responsáveis por disciplinas ou colaboradores. As primeiras dissertações de mestrado foram defendidas em 1981.

Com o passar dos anos, outras áreas e linhas de pesquisa foram implantadas no programa: em 1986 o mestrado e doutorado em Química Analítica; em 1987 o mestrado em Físico-Química; em 1988 o doutorado em Química Inorgânica. Junto com essas pós-graduações, foram construídos “*blocos para a instalação dos Laboratórios Didáticos de Bioquímica e Tríplice de Química Analítica, Química Inorgânica e Físico-Química*” (FURLAN et al., 2008, p. 40).

Terceira fase de desenvolvimento da Instituição (1991 até o presente) – Fase da maturidade

Os principais marcos dessa fase são: a implantação do curso de Licenciatura em Química em 1991 e a unificação das áreas de concentração do curso de Pós-Graduação em Química em 1993. Definimos como marco inicial a criação da licenciatura, pois revela a revisão de aspectos que não foram enfrentados anteriormente, bem como o atendimento a demandas externas. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da pós-graduação e dos projetos de extensão revelam processos que só foram possíveis diante do desenvolvimento e maturidade da Instituição. Atualmente o Instituto é um grande centro de pesquisa, ensino e extensão em Química, atestado pela sua produção científica, convênios com grandes empresas e conceito dos cursos de graduação e pós-graduação.

O contexto de criação do curso de Licenciatura, segundo a professora Stucchi, se dá em relação às demandas da região por profissionais na área: “*a licenciatura absorveu bem a demanda reprimida regional de formação de profissionais que trabalhavam durante o dia e queriam fazer Química e não tinham onde fazer, pois foi o primeiro curso noturno da região na área de Química*”. Destacamos que o currículo do curso de licenciatura permite que o formado atue na indústria, pois o Conselho Regional de Química atribui ao licenciado em química do IQ as mesmas atribuições que o Bacharel. Segundo o professor Leite, o curso “*formava o químico e depois dava um verniz de licenciado*”. Destacamos na história do IQ o seu desenvolvimento como instituição de pesquisa que parece contrariar sua referida meta inicial de formação de professores. Nesse sentido, o professor Oliveira comenta que “*não sei se uma escola pode se manter funcionando 50 anos só formando professor*”. Porém, o que nos chama a atenção não é o fato da Instituição se dedicar a outras atividades de ensino e pesquisa, mas o fato da formação para a pesquisa e a modalidade Bacharelado serem tão mais fortes do que a Licenciatura e a preocupação com a formação de professores. Depois de essa modalidade ter sido suspensa ela retornou sob uma configuração que favorece a inserção do aluno na pesquisa em química, no que parece ser uma estratégia de conversão desses alunos. A professora Stucchi, em entrevista conduzida pelo CEDEM em 2008, ao comentar sobre o perfil profissional do aluno formado pelo curso, traz elementos sobre a situação atual da formação dos licenciados, para ela o “*perfil profissional hoje, está bem voltado para a pesquisa*”, o aluno da licenciatura “*tem a disponibilidade de trabalhar durante o dia e ele acaba trabalhando em projetos de pesquisa, fazendo a Iniciação Científica e a gente sente que até depois é um pouco difícil convencê-los a ir para o ensino, sobretudo pelas baixas remunerações*”.

Seguindo o desenvolvimento da pós-graduação, em 1992 foi proposto o doutorado em Físico-Química; em 1993 ocorreu a unificação das áreas de concentração e a criação de um novo Curso de Pós-Graduação; e em 1995 foi implantada a área de Química Orgânica (FURLAN et al, 2008). A professora Stucchi comenta sobre esse desenvolvimento da pós-graduação e os desafios enfrentados pelos docentes e pela Instituição, para que ela atingisse o nível 7 na avaliação da Capes. Nesse processo observamos novamente o atendimento a demandas externas e revisão de questões que haviam sido “evitadas” anteriormente, como a exclusão de docentes da pós-graduação necessária para a unificação do programa.

O desenvolvimento da extensão universitária no Instituto de Química foi considerado complicado, pois se tratava de uma Unidade Acadêmica com pouca vocação para a extensão, pois, segundo Furlan e colaboradores (2008) era um Instituto com “um ensino forte e uma atividade de pesquisa em ascensão”. Entretanto, talvez para pagar sua dívida com suas origens, alguns docentes foram se dispuseram a implementar alguns projetos de extensão, dentre os quais destacamos a criação do Grupo Alquimia em 1988, do Centro de Ciências de Araraquara em 1990, do Programa Palestra na Escola oferecido a partir de 1992, e do Curso Unificado do Campus de Araraquara – CUCA em 1994 (FURLAN et al., 2008). Seguindo essa linha de atuação, atualmente o Instituto conta com 11 projetos de extensão universitária “desenvolvidos regularmente, além de cursos, atividades de extensão e prestação de serviços” (OLIVEIRA; BARCELOS, 2007).

Novamente acreditamos que essas iniciativas tiveram espaço às voltas do período de maturidade da Instituição. Ao mesmo tempo em que surgiu como intermediário para o problema apontado na época da criação referente à baixa integração do IQ à comunidade araraquarense e região. o crescimento dos projetos de extensão, “permitiu a divulgação das atividades desenvolvidas pela instituição” (OLIVEIRA; BARCELOS, 2007, p. 12). As autoras apontam ainda para a contribuição dos projetos em relação a uma estratégia de marketing da Instituição, que parece ser constitutiva do seu *habitus*, como podemos perceber na preocupação constante em divulgar os bons resultados da Instituição, geralmente com base em critérios quantitativos, por parte dos docentes e até mesmo dos discentes.

Conclusão

Ao longo da análise tivemos a impressão de que o Instituto enfrentou diversos “inimigos” e que toda sua história é marcada por “lutas”. Esse fator apareceu diretamente no depoimento do professor Massabni que aponta para a existência de vários desafios enfrentados pelo IQ: a inserção na cidade, a disputa entre os departamentos da FFCLA, a criação do IQ como unidade independente no momento da criação da UNESP. Percebemos em todos os depoimentos a presença da USP como referência, que poderia ser considerada o principal rival. O professor Toscano corrigiu esta impressão dizendo que não era rivalidade, mas apenas uma resistência “*baseada em uma falta de confiança que a coisa poderia não dar certo, quando começou a dar certo acabou a resistência*”. Nesse aspecto, destacamos o importante papel da pesquisa como intermediário, pois as soluções encontradas para o IQ “dar certo” sempre estiveram atreladas à pesquisa e às publicações, como percebemos pelo depoimento do professor Gastmans. Talvez por isso a pesquisa seja tão valorizada na Instituição em detrimento da formação de professores, cujo resultado não seria tão valorizado. Como sintetizou a professora Laluce, “*a sociedade toda valorizada mais a química, as ciências aplicadas do que as ciências humanas*”. Porém, percebe-se que a Instituição manteve esse

“inimigo oculto” até mesmo depois de ser reconhecida. Além disso, reatualizou inimigos da sua primeira fase ao longo de todas as outras fases, como a cidade, que a levou a investir na extensão, e a própria UNESP, que levou a um processo crescente de diferenciação, isolamento e autonomia. Esse mecanismo se assemelha ao de “luta e fuga” encontrado em alguns grupos de trabalho.

Esse aspecto constitui o *habitus* da Instituição, assim como os outros apresentados anteriormente que poderiam ser sintetizados no marketing e prestígio das tradições (espírito de corpo), esforço e luta para alcançar as metas, organização grupal dos projetos de extensão e do ensino e, sobretudo, privilégio da pesquisa. Em resumo, ela se coloca como uma Instituição de origens “pouco nobres”, diante dos desafios e resistências que enfrentou no momento de sua criação, mas que conseguiu superar as dificuldades e se firmar no campo científico. Atualmente procura transferir esse movimento de superação aos seus membros, desvelando estratégias de cuidado e reconversão de seus *habitus*, por exemplo através das estratégias de marketing e investimento em ações extensionistas, que permitem aos graduandos reais condições de competitividade e reconhecimento no mercado de trabalho, em função de sua formação complementar à graduação em pesquisa e pelo desenvolvimento de habilidades e competências propiciadas pelas atividades de extensão.

Com relação à pesquisa em Ensino de Ciências, segundo nossa interpretação, haveria um espaço para desenvolvimento de grupos de pesquisa nessa área dentro da Instituição por seu caráter multi-facetado – revelado pela promoção dos projetos de extensão. O desenvolvimento da pesquisa em Ensino de Ciências não vai de encontro às metas da Instituição nem sua história. Poderia partir do interesse de alguns docentes que já estão envolvidos parcialmente com a área e contar com os alunos da licenciatura que dariam volume e expressão a esse movimento, o núcleo inicial seria reforçado por contratações específicas e criação da linha de pesquisa. Representaria, assim, mais uma forma de atender aos interesses de docentes e discentes preocupados com a área, bem como uma forma de oferecer aos discentes as mesmas oportunidades de pesquisa presentes em outros Institutos de Química de universidades públicas, cuja área de Ensino de Ciências vêm sendo desenvolvida há bastante tempo.

Referências

- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.46-81.
- CORRÊA, A. M. M. **UNESP 30 anos: memória e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F.; MUZZETI, L. R. Licenciaturas Light: resultado das lutas concorrenciais no campo universitário? **Contexto e Educação**, n. 75, p. 11-28, 2006.
- FURLAN, M.; LUIZ, N. M.; OLIVEIRA, O. M. M. F. **Origem do Instituto de Química da UNESP registro histórico: evolução, consolidação e projeção**. Araraquara: Instituto de Química, Universidade Estadual Paulista, 2008. 322
- KAES, R.. **O Grupo e o Sujeito do Grupo. Elementos para uma teoria Psicanalítica do Grupo**. Trad. Souza e Werneck. São Paulo Casa do Psicólogo, 1997

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS. Instituição: Apresentação. Araraquara. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/instituicao/index.php>>. Acesso em: 28 mai 2011.

MASSABNI, A. C. *et al.* Quatro décadas de Química na UNESP/Araraquara. **Química Nova**, v. 26, n. 3, p. 439-444, 2003.

OLIVEIRA, O. M. M. F.; BARCELOS, N. M. Considerações. In: OLIVEIRA, O. M. M. F. (Ed.). **Projetos e atividades de extensão universitária em Química: Compromisso e inclusão social - I Seminário de Extensão Universitária em Química da UNESP**. São Paulo: UNESP, 2007. p. 11-13.

VAIDERGORN, J. **As seis irmãs: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras - Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo - 1957-1964. Alguns subsídios interpretativos para o estudo do Ensino Superior do Estado de São Paulo**. 1995. 213 Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.